

# DESCONTEXTUALIZAÇÃO FOTOGRÁFICA, DESINFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DE CRENÇAS NA CONTROVÉRSIA POLÍTICA DO CONTINGENCIAMENTO DE VERBAS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS<sup>1</sup>

## PHOTOGRAPHIC DECONTEXTUALIZATION, DISINFORMATION AND MOBILIZATION OF BELIEFS ON THE POLITICAL CONTROVERSY OF CUTTING THE FUNDINGS FOR FEDERAL UNIVERSITIES

Jane Maciel<sup>2</sup>  
Patrícia Azambuja<sup>3</sup>

**Resumo:** *Este trabalho investiga como imagens fotográficas descontextualizadas foram empregadas para construir e corroborar narrativas de desinformação com o objetivo político de desqualificação da educação pública durante a controvérsia do contingenciamento de verbas nas instituições de ensino superior brasileiras, em 2019. Discute-se aspectos teóricos sobre imagem, fotografia e imaginário a fim de elucidar quais estratégias sensíveis permeiam o emprego de fotografias em fake news. Metodologicamente inspirado na Teoria Ator-Rede, este estudo descreve como algumas fotografias descontextualizadas atuaram naquele período, tendo sido verificadas por diferentes agências de fact-checking, que nos serviram como pontos de partida para rastrear conexões entre imagens e diferentes atores. Entre o intenso compartilhamento de mensagens em grupos do WhatsApp e postagens em outras redes sociais, tais fotografias fora de contexto apresentaram uma percepção distorcida sobre a realidade das universidades públicas, sendo atravessadas por crenças, afetos e sentidos em disputa.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Fenômenos e Práticas da Política Online da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem - NUPPI, coordenadora do projeto de pesquisa Fotografia, informação e desinformação em controvérsias políticas. Email: jane.maciel@ufma.br

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Pesquisadora vinculada ao Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação - ObEEC (UFMA/CNPq), e coordenadora do projeto de pesquisa *Mise-en-scène* plástico: culturalmente construído ou pela imaginação subvertido? (financiado pela FAPEMA). Email: patricia.azambuja@ufma.br

---

**Palavras-Chave:** Fotografia. Desinformação. Imaginário.

**Abstract:** *This work researches how decontextualized photographic images were used to construct and endorse disinformation narratives with the political objective of disqualification of the public education during the political controversy of cutting the fundings on the Brazilian higher education institutions in 2019. It is discussed the theoretical aspects about image, photography and the imaginary with the purpose of elucidating which sensitive strategies pervade the use of photographs in fake news. This study is methodologically inspired in the Actor-Network Theory and it describes how some decontextualized photographs acted at that period being checked by different fact-checking agencies that played as start point for tracing connections between images and different actors. Among possible message triggering in WhatsApp groups and posting on other social networks such out-of-context photographs showed a distorted perception about the reality in public universities, being traversed by beliefs, affections and meanings in dispute.*

**Keywords:** *Photography. Disinformation. Imaginary.*

---

## 1. Considerações iniciais

O estudo das fotografias em redes digitais é marcado por peculiaridades que a internet como metameio induz em seus modos de circulação, sendo necessário observar as problemáticas emergentes que se apresentam nas continuidades e descontinuidades dos seus usos, valores e expectativas, com consequências diretas nos modos de produção de subjetividades e de constituição do comum. Dentre as múltiplas maneiras da fotografia participar como um ator em controvérsias políticas (LATOURETTE, 2007), queremos neste artigo discutir episódios que envolvem a utilização de imagens fotográficas em *fake news*, considerando particularmente a descontextualização fotográfica como uma vertente de análise do fenômeno das “fotografias *fake*”, termo utilizado em nossa pesquisa para designar a problemática da farsa fotográfica no âmbito da produção e circulação de narrativas de desinformação em redes digitais.

Fotografias descontextualizadas de pessoas nuas, de ações associadas ao vandalismo, à baderna e ao uso de drogas ilícitas, além de protestos ligados a determinados partidos políticos, foram compartilhadas junto a discursos depreciativos sobre as universidades públicas brasileiras em 2019, sobretudo no

mês de maio, quando foi anunciado um contingenciamento de verbas nas instituições de ensino superior (IES) do país, que teve como consequência a emergência de manifestações nacionais em defesa da educação pública. O caso específico do volume desproporcional de mensagens com este cunho em grupos de WhatsApp, bem como sua circulação em redes sociais, abriu um debate a respeito de visões controversas sobre as universidades brasileiras, que nada manifestavam em termos de soluções para seu fortalecimento, ao contrário, colocavam no centro da pauta sobre o orçamento para educação superior posicionamentos de aniquilação ou carregados de preconceitos em relação às IESs públicas.

Neste artigo, partimos do questionamento sobre como a viralização destas fotografias descontextualizadas opera nesta controvérsia. Estas se diferem de uma concepção pautada no falso, aproximando-se mais da farsa, uma vez que se trata de imagens nas quais os desvios de origem e as atribuições de sentidos por meio dos arranjos textuais têm o intuito de distorcer fatos, se passar por realidade e assim corroborar práticas de desinformação política, funcionando como "cortinas de fumaça" ao desviar a atenção de pautas relevantes de interesse público. Neste caso, essas imagens transpassam as abordagens midiáticas sobre os orçamentos destinados às instituições educacionais, mobilizando afetos e valores sobre temas não relacionados ao ensino ou à pesquisa, embora façam parte de um debate mais amplo ligado ao ordenamento social. Entendemos que elas operam, por um lado, na liberdade do dizer e do se fazer presente no processo de comunicação, mas por outro, através de perspectivas desconectadas das vivências concretas de uma sociedade carente de tudo, inclusive educação.

Nosso objetivo ao pesquisar essas imagens a partir de seus aparecimentos em conteúdos produzidos por agências de *fact-checking* é compreender os arranjos comunicacionais da descontextualização fotográfica em disputas por modos de ver e de existir no cenário político. Supondo que a propagação dessas fotografias tem o potencial de interferir nas decisões coletivas, busca-se abordar as instâncias de produção do comum e de relação entre imagem e coletivos mediados por TICs.

A linguagem fotográfica, frequentemente analisada por uma relação indiciária com o real (DUBOIS, 1993), apresenta desde seus primórdios desvios desta atribuição. De modo geral, reclama para si, sempre que conveniente, uma origem ou um modelo referencial ao qual deveria ser fiel, ao passo que, o falso – e a farsa – na fotografia vale-se justamente deste suposto discurso de verdade e objetividade historicamente construído por seu campo (MACHADO, 2015; ROUILLÉ, 2009).

Um princípio teórico norteador deste trabalho é a Teoria do Imaginário, como campo que privilegia a imagem por seu viés simbólico; por seu valor psicológico ligado à imaginação, e menos como memória coletiva estática e individual ou “fomentadora de erros e falsidades” (DURAND, 2012, p.21). Gilbert Durand (2012, p.30) sugere interrogar as imagens e criar conexões imaginativas que transcendam a noção da imagem como cópia da realidade, para compreendê-la nas conexões que operam modos de vida e como “dinamismo organizador” das representações instituídas pelo social.

Também exploraremos algumas abordagens conceituais instigadas pelas próprias imagens selecionadas para o debate, com ênfase no estudo da linguagem fotográfica à luz da filosofia/teoria da imagem. Marie-José Mondzain (2016, 2012) comenta sobre a liberdade proposta pela polissemia imagética e como as operações imaginantes podem mediar a relação com o mundo e com a subjetividade, fazendo crer e fazendo duvidar. Nesse sentido, é necessário problematizar em que medida fotografias descontextualizadas são “fotografias *fake*”: referem-se a fatos e acontecimentos, cujos sentidos são distorcidos por arranjos complexos entre imagens, textos e afetos em ambientes conversacionais percebidos como possíveis catalisadores da desinformação.

A perspectiva adotada neste trabalho é inspirada na Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (2007), de modo que abordaremos tais imagens como atores que movimentam redes sociotécnicas, que “fazem fazer” e participam diretamente da experiência política atual. Descreveremos o que tais fotografias descontextualizadas sugerem em suas composições texto-imagem, quais atores-redes estão envolvidos e mencionados em suas disseminações, quais afetos, crenças e imaginários

ativados para sua circulação. Apresentaremos também alguns rastros digitais a elas associados, para que seja possível remontar neste artigo aspectos dessa trama visual de desinformação.

## 2. Imaginário: mobilização de imagens e afetos

Em *21 lições para o século 21*, Yuval Harari (2018, p.273) argumenta sobre como a comunicação humana é dependente de narrativas simples e não de fatos, números ou equações. Mesmo após depositar tantas esperanças no pensamento racional, como investimento para o bem estar social, o autor afirma ser "improvável que oferecer às pessoas mais informações melhore a situação"; isto porque a maioria das decisões humanas é baseada em reações emocionais, atalhos, influência externa e não em análises objetivas ou raciocínios individuais. Curiosamente, a confiança é matéria-prima fundamental para esta relação entre humanos, e hoje parece intrincada, super estimulada por um jogo complexo entre verdades, mentiras, fantasias e apelos baseados em valores morais, às vezes, desconectados da realidade coletiva.

Quando tudo parece indecifrável, os afetos falam mais alto que a própria razão. Mais uma vez parece curioso o que Harari (2018, p.272) alerta: "Humanos raramente pensam por si mesmos. E sim, pensamos em grupos [...] Isto é o que Steven Sloman e Philip Fernbach denominaram 'a ilusão de conhecimento'". A ideia de que sabemos alguma coisa está profundamente atrelada ao fato de tratarmos o conhecimento dos outros como nosso, portanto, não são baseados em racionalidade individual, mas pensamento comunitário.

Dentro desse contexto de organização do conhecimento, encontram-se as imagens, como um conjunto de informações relevantes para o campo das ideias. Rancière (2009, p.12) assume a concepção de inconsciente estético e situa esse debate na interlocução entre pensamento e não-pensamento, ou seja, de um certo "domínio do conhecimento sensível, do conhecimento claro mas ainda confuso que se opõe ao conhecimento claro e distinto da lógica". Propõe um regime de pensamento que, mesmo após longo arbítrio do pensamento iluminista e racional,

ressurge reafirmando a tensão constante entre *logos* e *pathos*, quando enfim o inconsciente fala, com poder de esclarecer sobre os modos de visibilidade dessas práticas.

Neste sentido, compreende-se o poder da imagem como princípio didático de esclarecimento, assim como norteador das nossas expectativas de vida. O que por muito tempo esteve vinculado ao transcendental, ao imaginário religioso, hoje parece afetado por outros valores, vinculados ao consumo, ao hedonismo, à liberdade condicionada à meritocracia, enfim, toda sorte de ficção criada para acelerar o engajamento. "Os humanos controlam o mundo porque são capazes de cooperar melhor do que qualquer outro animal, e são capazes de cooperar tão bem porque acreditam em ficções" (HARARI, 2018, p.304).

As soluções para as contradições com as quais nos deparamos são desencadeadas pela produção de imagens simbólicas. A professora Ana Taís Barros (2019, p.36) considera a imaginação simbólica tema importante para os Estudos do Imaginário – "reservatório coletivo de imagens no qual o ser humano, individual e coletivo, busca soluções" –, campo alimentado pela filosofia, arte, ciência, religião, mas fundamentalmente posto em ação por meio dos processos comunicacionais.

Os meios de comunicação potencializam o que naturalmente emana das relações humanas. Michel Maffesoli (2001, p.76) compreende o campo das imagens como substrato epistemológico para o conhecimento do sujeito social, pois "o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social". Para o pensador francês, trata-se de um campo cercado de controvérsias, pois coexiste entre contradições: ora como oposição ao real, ao verdadeiro e sem consistência, mais próximo da ficção, ora tomando com referência a amplitude do sinônimo de imaginação individual. Gilbert Durand (2012, p.21-22) pondera sobre essas limitações: "a imaginação é reduzida pelos clássicos àquela franja aquém do limite da sensação que chama imagem remanescente", de onde florescem o associacionismo e as conexões imaginativas, "mas que comete o erro de reduzir

imaginação a um *puzzle* estático e sem espessura e imagem a um misto, muito equívoco, a meio caminho entre a solidez da sensação e a pureza da ideia".

Destaca-se como as elaborações dos espíritos podem influenciar na construção da realidade individual, acionadas pelo imaginário, que é coletivo, não racional e afetado constantemente pela complexidade transversal ou pelo imponderável emocional humano – como uma força social de ordem mental e psíquica que se mantém ambígua. Dessa forma, pode ou não garantir o equilíbrio psíquico e social, por meio de soluções criativas às angústias ou, ao contrário, estagnar e promover o caos.

Como algo que ultrapassa questões individuais, o imaginário extrapola a ideia de cultura, pois é seu alimento: a "existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens" (MAFFESOLI, 2001, p.76). Não são as imagens que captamos da *realidade* que constroem o imaginário circunscrito no cotidiano, mas o conjunto de ponderações tanto racionais e explicáveis, quanto oníricas, afetivas ou fantasiosas, que organizam as imagens que representam um dado momento. Até porque as *realidades* são múltiplas em possibilidades, e estabilizações acontecem no sentido de organizar e facilitar o pensamento ou atingir certos propósitos.

Maffesoli (2001, p.77) compreende a ideologia para além de sua predisposição à falsa consciência imposta pelo adversário, pensa como Destutt de Tracy (França, 1754 - 1836) e vincula o termo ao imaginário, diferenciando-o por seu viés exclusivamente racional e interpretativo. "O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo". Talvez seja esta a questão central a este trabalho: o engajamento a determinada forma de pensar em geral está fundamentado em objetividade e justificativas concretas, entretanto, pouco clarifica quanto à adesão também apegada aos desejos individual, psíquico e afetivo de estar junto. As construções imagéticas são conduzidas por este estado de espírito geral que transcende questões racionais e individuais, acontece na interação, na partilha e na alquimia com o meio, em consequência, o que ele suscita. O resultado dessas ações

imaginadas pela capacidade criativa humana tem poder de aprimorar as relações, ou confundir, ao subverter as próprias razões de existência e de cooperação.

Diante disso, passa a ser fundamental compreender a carga simbólica vinculada às imagens do cotidiano, e pensar o imaginário como premissa para analisar efeitos que emergem dos processos comunicacionais contemporâneos. Ana Taís Barros (2019, p.37) elabora esse desafio aos pesquisadores da Comunicação que, "a partir de recortes específicos no panorama dos fenômenos comunicacionais, embasados em dados fornecidos pelo objeto de estudo localizado dentro de uma região de eleição do espaço social", podem estabelecer uma consciência teórica em torno das relações entre imagens e suas simbologias, assim como, compatibilizações necessárias entre as diferentes égides do imaginário: o empírico/racional e o mágico/afetivo.

Sobre as imagens técnicas – essas produzidas pelas máquinas, a fotografia, por exemplo –, Vilém Flusser (2002, p.14) analisa a imprecisão na ideia de automatismo, de uma verdade imanente. "O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos". O filósofo tcheco-brasileiro sugere cuidado ao observar imagens eliminando os textos, isto é, deixando escapar seus sentidos.

O problema em acatar as imagens como janelas irretocáveis do mundo é a vulnerabilidade aos grandes desvios, sucumbindo ao "fascínio mágico que emana das imagens técnicas" (FLUSSER, 2002, p.15-16). O fato é que ninguém passa ileso pela imagem, logo, fica o questionamento: quais as consequências dessa *magia*? Se por um lado a complexidade da pergunta paralisa, por outro, são inúmeros e incontestáveis seus efeitos no cotidiano, cercado de deslumbramentos e dúvidas. De acordo com Flusser (2002, p.16), as imagens técnicas têm a função "de emancipar a sociedade de pensar conceitualmente", e foram inventadas para superar o "perigo da textolatria". Entretanto, é importante lembrar que os textos surgiram buscando a mesma compensação: "ultrapassar o perigo da idolatria". No sentido de refletir como as imagens consolidam nossos conceitos em relação ao mundo, e como confusões

entre o que vemos e os que nos olha podem ser perigosas, propõe-se aqui compreender como sujeitos observadores interagem com a magia das imagens técnicas, projetando espectros de crenças sobre a realidade.

Ao considerarmos a mídia fotográfica, esta impressão de fidelidade à realidade ainda é muito recorrente, mesmo em tempos de fotografia digital, quando se torna mais facilmente manipulável e propagável, uma vez que não está mais amparada pela característica da contingência física analógica que reforçaria sua relação com o referente, tão recorrente nas análises modernas que relaciona a fotografia à teoria pierciana do índice (BARTHES, 1984, 1990; DUBOIS, 1993; KRAUSS, 2004). Sua magia atualiza-se na força da imagem viral que mais do que informar sobre sua origem, transforma e é transformada pelas cadeias de sentido por onde passa. Ainda assim, a fotografia como espelho do real (DUBOIS, 1993) mostra-se como uma apreensão usual no senso comum, uma vez que

A fotografia parece estar imune a todo tipo de desconfiança quando transita pelo imaginário social, tanto que há imagens que se tornaram símbolos de um determinado momento, enfeixando em si um conjunto de valores não apenas visuais, mas também éticos e estéticos. (FABRIS, 2007, p.35)

Logo, pensar a esfera do imaginário como uma perspectiva teórica para entender fenômenos midiáticos implica percorrer manifestações concretas no campo social, por sua pluralidade de sentidos, para então identificar efeitos decorrentes e o que eles catalisam em termos de repercussões, que vão de ações e comportamentos individuais aos traços simbólicos no trajeto coletivo previstos nos regimes do imaginário instituídos. De acordo com Maffesoli (2001, p.80), "o imaginário opera em qualquer situação, contra ou a favor das revoluções".

A polifonia das imagens ora suscita nos interlocutores um anseio por verdades absolutas, ora os coloca diante da fluidez de sentidos. Fluidez que obviamente representa um imaginário midiático livre, plural e criativo, mas fundamentalmente expõe vulnerabilidades perigosas. A mobilização de um imaginário corrosivo baseada em imagens descontextualizadas demonstra o nível de desinformação presente nos processos comunicacionais contemporâneos. E é o paradoxo entre o excesso de confiança nas imagens técnicas e a desconfiança generalizada nas

instituições que reforça a condução de regimes imagéticos que atrelam aspectos emocionais às crenças individuais.

### **3. Cartografando fotografias descontextualizadas entre crenças e imaginários sobre as universidades públicas brasileiras**

Acompanhar a fluidez polifônica do imaginário tecnológico atual exige ferramentas e métodos compatíveis com a complexidade da experiência humana e social. Bruno Latour (2000) sugere pensar a *ciência em ação* e acompanhar a complexidade do campo, ao compatibilizar vozes dissonantes que falam ao mesmo tempo, critérios reconhecíveis e efeitos que emergem desse estado de coisas. Sua orientação metodológica é ampliar a quantidade de participantes em uma rede de relações possíveis, assumindo tensões e complexidades, mas estabilizando-as para análise.

Muitas imagens poderiam ser abordadas nesta pesquisa, sendo que, pela descrição das tramas de cada uma delas e dos debates que elas mobilizam na comunidade seria possível elucidar diversos aspectos que configuram o emprego de fotografias em narrativas de desinformação como problema comunicacional e político. Neste trabalho, partiremos de rastros coletados em conteúdos produzidos por agências de checagem de fatos, a começar pela repercussão dada ao caso envolvendo o intenso compartilhamento de fotografias e montagens em grupos de WhatsApp, em maio de 2019, que apresentavam visões tanto polêmicas quanto deturpadas das universidades brasileiras, logo após o anúncio feito pelo Ministro da Educação de um contingenciamento de verbas para as Instituições Federais de Ensino Superior, em 30 de abril de 2019. A fim de complementarmos nosso estudo exploratório, abordaremos também outras fotografias descontextualizadas usadas em *fake news*, que foram checadas por uma agência específica, o site Aos Fatos ([www.aosfatos.org](http://www.aosfatos.org)), entre os meses de janeiro e julho de 2019.

### 3.1. A explosão de imagens da “balbúrdia” em grupos de WhatsApp

Segundo um levantamento feito pelo projeto Monitor de WhatsApp da UFMG,<sup>4</sup> entre os dias 2 e 3 de maio de 2019, foi possível verificar um aumento de 950% no número de imagens entre as mais compartilhadas em cerca de 350 grupos monitorados durante as eleições de 2018. Este fato chamou atenção dos pesquisadores tanto pela grande movimentação nos grupos como pelas temáticas abordadas estarem relacionadas às instituições públicas de ensino. As imagens eram materiais recorrentes,<sup>5</sup> e dentre elas, estavam as fotografias.

O material coletado pelo Monitor de WhatsApp da UFMG foi investigado pelas agências de *fact-checking* Lupa<sup>6</sup> e Aos Fatos<sup>7</sup>, que elucidaram os processos de descontextualização de fotografias associadas a textos depreciativos sobre as universidades públicas. Outras agências também checaram a veracidade dessas mensagens, tendo produzido artigos específicos sobre o tema,<sup>8</sup> o que reforça a abrangência desta polêmica mobilizada em redes sociais, em um momento em que protestos com ações propositivas em defesa da educação pública ocorriam nas ruas de muitas cidades em todo país, protagonizados por diversos atores sociais, desde os movimentos estudantis, sindicatos, entidades do terceiro setor e uma variada gama de apoiadores sem vínculos institucionais, mas sensibilizados pelas pautas.

Assim, poucos dias após o então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, ter anunciado em uma entrevista o bloqueio de verbas e proferido falas polêmicas

<sup>4</sup> Ferramenta desenvolvida pelo projeto Eleição Sem Fake, do Departamento de Ciência da Computação da UFMG. Disponível em: <http://www.monitor-de-whatsapp.dcc.ufmg.br>

<sup>5</sup> Ver: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/universidades-e-fake-news-pesquisadores-analisam-fenomeno>

<sup>6</sup> Ver: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/13/artigo-universidade-whatsapp/>

<sup>7</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/apos-cortes-no-mec-envio-de-imagens-de-estudantes-nus-cresce-950-em-grupos-de-whatsapp-em-24-horas/>

<sup>8</sup> Ver: <https://www.e-farsas.com/qual-a-origem-das-fotos-mostrando-alunos-de-universidades-pelados.html>; <https://www.e-farsas.com/as-fotos-de-alunos-sem-roupa-em-universidades-publicas-sao-reais.html>; e <https://checamos.afp.com/historias-por-tras-das-14-imagens-feitas-em-universidades-brasileiras>

sobre eventos político-partidários e práticas consideradas inadequadas em ambientes universitários,<sup>9</sup> fotos antigas e fora de contexto circularam intensamente em circuitos de grupos de WhatsApp nos quais práticas de desinformação já haviam sido verificadas desde o período eleitoral.<sup>10</sup> Segundo a checagem da agência Lupa, algo recorrente nessas mensagens era a presença de fotografias de universitários nus ou com roupas íntimas em salas de aula, corredores, pátios e jardins, sendo que, em um dia específico pesquisado, 3 de maio de 2019, todas as dez fotografias mais compartilhadas tinham esta característica.

Esses registros pareciam atestar o que havia sido dito por Weintraub na referida entrevista – que “universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”; que “a universidade deve estar com sobra de dinheiro para fazer bagunça e evento ridículo”; ou ainda, que havia “sem-terra dentro do campus, gente pelada dentro do campus” – tendo o potencial de influenciar na percepção de quem as via, especialmente, de sujeitos que não têm nenhuma vivência direta com as universidades públicas. “Pra quem disse que o ministro não foi claro quanto aos motivos do corte e que o termo balbúrdia não explica muita coisa taí, florzinha, uma pequena amostra”, afirmava o texto de um meme que reunia variadas fotografias de nu, o que exemplifica bem este alinhamento da retórica do gestor público ao das mensagens viralizadas. Retoma-se o proposto por Harari (2018, p.272), sobre “a ilusão de conhecimento”, quando o reforço das mensagens supostamente compartilhadas por muitas pessoas favorecerem o engajamento às ideias; por acreditarmos pensar melhor em grupo.

Analisando os deslocamentos das fotografias e de seus sentidos nessa controvérsia, é importante identificar alguns procedimentos recorrentes que em conjunto parecem não somente justificar os argumentos a favor do bloqueio de

<sup>9</sup> Ver: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>

<sup>10</sup> Em outra checagem feita pela Lupa com o material do arquivo do Monitor, só 4 das 50 imagens mais compartilhadas pelos 347 grupos de WhatsApp pesquisados durante o primeiro turno das eleições de 2018 eram verdadeiras. Ver: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/10/Relatório-WhatsApp-1-turno-Lupa-2F-USP-2F-UFMG.pdf>

verbas como também mobilizar emoções e afetos que extrapolam a pauta sobre o ensino público, aderindo a determinados posicionamentos político-partidários e a modos de existência emergentes. Primeiramente, verificou-se um trabalho de recuperação de registros antigos para serem propagados conjuntamente, de modo que cenas esporádicas, motivadas por diferentes objetivos, fossem entendidas como “balbúrdias” cotidianas. Para reforçar a ideia de recorrência, as imagens advindas de variados contextos foram reunidas em montagens do tipo mosaico, por vezes com legendas mencionando diferentes universidades brasileiras (FIG. 1).



FIGURA 1 - Mosaico com nus em universidades

FONTE - Site E-farsas (Reprodução)

Foi assim que fotografias de protestos específicos foram apresentadas como a própria realidade universitária, em recortes de sentido que favoreciam a inclinação a determinados prismas ideológicos, entendidos aqui como marcas, perspectivas ou estratégias operativas vinculadas a grupos sociais, conforme esclarece Arlindo Machado (2015), que vincula este conceito a sistemas simbólicos e sistemas de representação: “a ideologia é menos um conteúdo abstrato objetivado num corpo de

ideias do que um modo determinado de arranjar, organizar, combinar e fazer funcionar homens, objetos e sinais do mundo” (MACHADO, 2015, p.22).

Segundo agências de checagem, grande parte das fotos deste mosaico eram de protestos ocorridos na Universidade de Brasília (UnB) em 2009, quando estudantes manifestaram contra o machismo no ambiente universitário depois do caso de uma aluna ter sido hostilizada por usar roupas curtas na Universidade Bandeirante de São Paulo.<sup>11</sup> Outras eram de 2014, quando houve um protesto contra a expulsão de um estudante que havia feito uma performance na UnB.<sup>12</sup> Por outro lado, fotos de performances, linguagem artística em que o corpo nu é trabalhado expressivamente como mídia primária, também foram compartilhadas. Algumas foram realizadas por artistas convidados em eventos acadêmicos, como o caso das performances “Gordura Trans”, de Miro Spinelli, durante o seminário Desfazendo o Gênero ocorrido, na Universidade Federal da Bahia, em 2015; e “Trajeto com Beterrabas”, de Ana Reis, apresentada no mesmo evento em sua edição de 2017, na Universidade Federal da Paraíba. Os temas abordados de forma sensível – gênero, gordofobia, violência contra a mulher – foram completamente apagados pela descontextualização, que em contrapartida promoveu outras leituras direcionadas pelos textos e contextos nos quais as fotos circularam. Nelas, a imagem do corpo nu foi assim reduzida à depravação, abominação e incompatibilidade total com o ambiente universitário.

Susan Sontag (2004, p.33) afirma que “fotos em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia”. Por sua vez, Arlindo Machado (2015, p.90) ao abordar o gesto de seleção de campos significantes pelo enquadramento fotográfico, defende que “toda visão pictórica [...] é sempre um processo classificatório, que joga nas trevas da invisibilidade

<sup>11</sup> Em nossa pesquisa, encontramos tais fotografias em um blog, que menciona o protesto ocorrido em 2009 na UnB. Ver: <https://blogdenoronha.wordpress.com/2009/11/15/alunos-da-unb-ficam-nus-em-protesto-controuniban/> ; e também no site de notícias: <https://entretenimento.band.uol.com.br/noticias/10000088784/estudantesdaunbtiramaroupaemprotestocontrauniban.html>

<sup>12</sup>Ver:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/10/06/interna\\_cidadesdf,451001/em-protesto-estudantes-fazem-peladaco-na-universidade-de-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/10/06/interna_cidadesdf,451001/em-protesto-estudantes-fazem-peladaco-na-universidade-de-brasilia.shtml)

extraquadro tudo aquilo que não convém aos interesses da enunciação e que, inversamente, traz à luz da cena o detalhe que quer se privilegiar”. Entendemos que este recorte não se limita apenas à operação fotográfica, na escolha do quadro pelo fotógrafo, mas ocorre também em reenquadramentos midiáticos, como os que vemos a partir dos exemplos acima citados. Nestes, a seleção estratégica de determinados registros que nada explicam sozinhos foram operacionalizados a favor do imaginário da "balbúrdia", ao mesmo tempo em que foram invisibilizadas nuances do extraquadro para além daquelas situações, onde se poderia mencionar toda uma diversidade de ações universitárias de suma relevância não somente para a comunidade acadêmica, mas para a sociedade como um todo.

Para tanto, outro fator fundamental nessas narrativas de desinformação é a relação entre imagem e texto, e também, entre o dito e o não-dito. É possível observar neste conjunto coletado pelo Monitor do WhatsApp e investigado pelas agências de *fact-checking* arranjos textuais simples, como breves legendas que acompanham as fotos, aproximando-se da linguagem memética das redes sociais. De modo geral, podemos dizer que tais arranjos texto-imagem serviram como uma “estratégia sensível”, “[...] jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos indivíduos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2006, p.10). Como elemento mobilizador de afetos na dinâmica pública, contribuíram para reforçar a crença que a realidade das universidades federais aproximava-se da descrição dada pelo ministro, bem como por sujeitos e coletivos que aderiram ao conteúdo propagado. Conforme defende Muniz Sodré (2006), a crença é em grande medida formulada pela relação estética com o mundo, e neste caso, com o mundo das imagens, não exatamente por suas qualidades intrínsecas, de objetividade ou de clareza, mas no deferimento prévio do conhecimento fixado, como já aceito: “Dizer que se sabe alguma coisa equivale a ter a coisa como certa, mas a certeza está em quem crê, logo numa dimensão indefinida ou obscura, e não no fundamento racionalista e transparente da crença” (id., ib., p.23).

Podemos exemplificar este ponto com uma fotografia de três jovens, parcialmente e totalmente nus, com cartazes nas mãos e frases pintadas no corpo,

que vinha acompanhada do seguinte texto: "Que desgraça o maldito PT fez com as universidades públicas do nosso país! Vejam a degradação moral!"; ou ainda, um meme que apresentava a seguinte montagem texto-imagem: "o dinheiro será retirado disso - investido nisso - para evitar isso", alternando fotos de universitários nus contrastadas a uma imagem de crianças em uma sala de aula.<sup>13</sup> Desta maneira, imagens de um mesmo protesto foram circuladas em diferentes combinações, por variados atores, inclusive pessoas públicas.<sup>14</sup> Em cada aparecimento, fortalecia-se a polêmica instaurada, evidenciando o caráter instável da imagem, que por si mesma nada diz de modo conclusivo, pois "não produz nenhuma evidência, nenhuma verdade e só pode mostrar aquilo que é produzido pelo olhar que colocamos sobre ela. A imagem espera sua visibilidade na relação que se instaura entre aqueles que a produzem e aqueles que a olham". (MONDZAIN, 2015, p.44-45)

### **3.2. Repercussões polêmicas como estratégias sensíveis em redes sociais**

Entre a produção, observação e circulação destas imagens indecidíveis ocorre a dinamização de um imaginário, "reservatório coletivo de imagens" (BARROS, 2019, p.36), que antecede a própria controvérsia e que é ativado estrategicamente e organicamente para produzir efeitos nas disputas e distribuições políticas, considerando inclusive que o imaginário é da ordem do vivenciado que emana das pulsões sociais e não necessariamente da realidade apresentada. Michel Maffesoli (2001) afirma que este debate atravessa domínios da vida aparentemente inconciliáveis.

Mesmo os campos mais racionais, como as esferas política, ideológica e econômica, são recortados por imaginários. [...] O imaginário político trabalha a argumentação através de um arsenal de mecanismos emocionais, como os símbolos de um partido, as datas que devem ser comemoradas, os heróis e mitos que devem ser lembrados, os ritos que precisam ser atualizados. O marketing, em política, resume o cruzamento da razão - o planejamento publicitário racional - com a valorização do emocional (MAFFESOLI, 2001, p. 78).

<sup>13</sup> Ver: <https://twitter.com/aosfatos/status/1128065199615959040/photo/1>

<sup>14</sup> A exemplo do tuíte do deputado federal José Medeiros. Ver: <https://twitter.com/JoseMedeirosMT/status/1123731758086852608>

A mobilização de imaginários na comunicação política não se limita apenas ao trabalho de partidos durante campanhas eleitorais, mas acontece em estratégias sensíveis (SODRÉ, 2006) contínuas, que se tornam mais perceptíveis em determinadas controvérsias. Sendo assim, é importante destacar o lugar da desinformação na política contemporânea, no qual as fotografias atuam como "testemunhas" de perspectivas distorcidas sobre a realidade, mas que têm o potencial de movimentar o mundo comum.

Tatiana Dourado e Wilson Gomes (2019), ao abordarem o emprego de relatos falsos com fins políticos, afirmam que estes são "fenômenos coextensivos à própria política", que servem para "[...] criar ou destruir imagens públicas de atores políticos, produzir medo na plebe ou no eleitorado ou induzir comportamentos e atitudes dos interessados nas disputas políticas" (GOMES, DOURADO, 2019, p.35). Contudo, sabe-se que no ambiente digital existe uma intensificação desse fenômeno, de modo que as *fake news* mostram-se como modalidades atualizadas da propaganda política (CARVALHO, 2019; TANDOC et. al., 2017), que dependem diretamente da subjetivação do olhar de quem vê e compartilha, contribuindo assim com a propagação da rede. A audiência pode ser então compreendida como "cocriadora" dessas narrativas (TANDOC et. al., 2017), que oscilam em diferentes redes sociais e interfaces de comunicação.

A fim de ampliar nossa trama e desdobrar a discussão em torno desta cartografia de imagens, optamos por observar o conteúdo produzido naquele momento por uma agência de checagem de fatos – Aos Fatos – sendo possível com isso coletar rastros dessa polêmica para além do episódio ocorrido no WhatsApp, com aparecimentos em outras redes sociais, sobretudo no Facebook. Entre janeiro e julho de 2019, passamos por 223 notícias na aba "Nas Redes" ([www.aosfatos.org/noticias/nas-redes](http://www.aosfatos.org/noticias/nas-redes)), dentre as quais, em 17 havia imagens que de alguma maneira se relacionavam à temática do orçamento de verbas do ensino superior federal, sendo: dois vídeos; três *prints* de sites que mimetizavam portais de notícias, com fotografias na chamada; duas fotografias de personalidades públicas (Sérgio Moro e Jair Bolsonaro) associadas a atribuições de falas falsas; e em grande

maioria, dez narrativas cujo enfoque era a descontextualização fotográfica, material este que comentaremos a seguir. Optamos por pesquisar meses antes e depois de maio de 2019, quando ocorreu o ápice do compartilhamento de *fake news* sobre o assunto e também protestos e paralisações contra o posicionamento do MEC, tentando identificar possíveis enunciados prévios e reverberações posteriores.

A primeira imagem selecionada é de fevereiro, uma fotografia de um prédio totalmente pixado, oriundo da capital paulista, apresentada como a Universidade de São Paulo- USP numa página de Facebook.<sup>15</sup> O texto da postagem, que dizia que "lá estava aquartelada a esquerda 'democrática' que insistia em 'consertar' o país [...] retrato de uma juventude em processo de alienação e extinção de preceitos morais [...]", estabelecia uma relação inusitada entre depredação de um edifício qualquer e um *ethos* universitário degradante. O discurso anti-esquerdista aparece também em um meme compartilhado em abril, no qual uma fotografia feita em 2011 numa universidade nas Filipinas foi ligada aos enunciados: "efeito Paulo Freire na Educação/ Alunos comemoram aniversário de universidade sem roupa/ A mídia diz: é coisa de jovem"<sup>16</sup> (FIG. 2). A legenda da publicação afirmava "esta é a revolução petista", em uma postagem que reunia a um só tempo ataques à universidade, à mídia, ao Partido dos Trabalhadores e ao renomado educador e filósofo Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Sobre este último, é importante ressaltar que ofensas a sua memória já haviam ocorrido anteriormente em protestos pró-impeachment, em 2015, quando alguns registros fotográficos viralizaram ao mostrar uma faixa com a inscrição "Chega de Doutrinação Marxista/ Basta de Paulo Freire"<sup>17</sup>. Por outro lado, o anti-petismo parecia ecoar nos primeiros meses do governo Bolsonaro, depois de um período eleitoral tenso, controverso e polarizado.

<sup>15</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-antiga-de-predio-pichado-circula-nas-redes-como-se-mostrasse-a-usp/>

<sup>16</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-estudantes-nus-em-universidade-e-de-2011-e-foi-tirada-nas-filipinas/>

<sup>17</sup> Ver: <https://revistaforum.com.br/noticias/professor-cria-polemica-em-protesto-contra-paulo-freire-pedagogia-do-oprimido-e-coitadismo/>



FIGURA 2 - Meme “Efeito Paulo Freire na Educação”

Fonte: Aos Fatos (Reprodução)

Nesta pesquisa, pudemos identificar o anti-petismo como um elemento recorrente nas narrativas de desinformação sobre as universidades. Além das imagens já citadas, quatro checagens feitas pelo site Aos Fatos ratificam essa reincidência, ao mostrarem o compartilhamento de fotos de protestos em prol da liberdade de Lula ou contra o impeachment de Dilma Roussef como se fossem fragmentos dos atos contra o bloqueio de verbas,<sup>18</sup> denotando que as manifestações que ocorriam em todo país eram ações partidárias, orquestradas pela "esquerda". Mais uma vez, o texto reforça essas crenças: "A greve da educação tem dois objetivos: grita 'FORA BOLSONARO E LULA LIVRE'", fazendo alusão ao conteúdo

<sup>18</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/meme-que-critica-manifestacoes-pela-educacao-usa-fotos-de-protestos-antigos/>;  
<https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-faixa-com-fora-bolsonaro-e-liberdade-para-lula-de-marco-nao-de-ato-pela-educacao/>;  
<https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-ato-pro-dilma-em-2016-circula-como-se-fose-de-protesto-contra-cortes-na-educacao/>;  
<https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-marcha-lula-livre-de-2018-e-compartilhada-como-se-fose-de-manifestacao-pela-educacao/>

de uma faixa fotografada, e "o fardamento das universidades públicas", referindo-se às camisetas vermelhas numa aglomeração registrada em outra foto.

Podemos supor que, num ambiente fortemente marcado por discursos de ódio direcionados ao partido e a determinados políticos, essa associação simbólica entre PT, esquerda e Universidades instiga uma mobilização de sentidos e afetos específica. Nesta linha, os esquemas texto-imagens do meme que diz "MOTIVOS DA GREVE: 60% Lula Livre ; 20% Lacrar; 19% Baderna; e 1% Corte de verbas", acompanhados de fotos de protestos variados e diferentes daqueles de maio de 2019, propõe uma leitura dos signos de forma desdenhosa e estereotipada, minimizando a relevância política das manifestações contra as ações do MEC e revigorando imaginários conservadores e intolerantes. O "resumo das manifestações", como diz outra postagem com teor parecido ao do meme, mostra-se como uma síntese perceptiva de um fenômeno complexo, reduzido à avaliação simplista e redutora diante de alteridades.

**MOTIVOS DA GREVE:**



FIGURA 3 - Meme e postagem no Facebook sobre manifestações

Fonte: Aos Fatos (Reprodução)

Compreender que "essa pedagogia para os microfascismos e a educação para a intolerância podem ser resumidos na retórica que desqualifica e aniquila o outro como sujeito de pensamento e sujeito político" (BENTES, p.168, 2015) é um ponto importante ao considerar as relações entre o que é visto, compartilhado e acreditado. Desta forma, abordagens de temas polêmicos aparecem no conjunto de fotografias descontextualizadas encontradas no site Aos Fatos, em relatos falsos

sobre consumo de cocaína no campus da UFES<sup>19</sup> e um suposto ateliê de arte anal em uma universidade,<sup>20</sup> dialogando diretamente com narrativas e imaginários de "depravação" e "imoralidade" já apontados no conteúdo coletado pelo monitor do WhatsApp. No conjunto, apenas uma imagem está relacionada a uma investida contra apoiadores do governo: a fotografia de uma youtuber que realizou uma intervenção num ato pró-Bolsonaro em 26 de maio de 2019, ironizando os próprios manifestantes por meio de uma encenação, foi compartilhada no Facebook com a legenda "Da série bolsominions têm transtornos mentais"<sup>21</sup>, o que reflete o clima de ataques mútuos, ainda que assimétricos.



FIGURA 4 - Postagem no Facebook sobre suposto "ateliê de arte anal"

Fonte: Aos Fatos (Reprodução)

Observa-se, portanto, que esses exemplos de desinformação são fortemente permeados por emoções e afetos estimulados pela polêmica, que participam diretamente nos processos de crença em relação às imagens. Marie-José Mondzain

<sup>19</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-muher-segurando-pilha-de-pinos-de-cocaina-nao-foi-tirada-na-ufes/>

<sup>20</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-alunos-de-universidade-federal-criaram-atelie-de-arte-anal/>

<sup>21</sup> Ver: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-manifestante-que-pede-o-fim-das-universidades-retrata-encenacao-de-youtuber/>

(2012) comenta que é preciso diferenciar as “operações imaginantes” das operações discursivas, uma vez que as imagens articulam-se cognitivamente aos gestos de crença: “É preciso crer para saber aquilo que vemos”<sup>22</sup> (MONDZAIN, 2012, p.85), sendo justamente da crença que surgem os abusos de confiança e de poder em relação às imagens, na medida que estas mediam a relação com o mundo e com a própria subjetividade, fazendo crer e fazendo duvidar. Também podemos compreender que essas fotografias descontextualizadas funcionam como simulacros, mostrando-se pela não semelhança com a ideia daquilo que representam, apesar de produzirem um efeito de semelhança (DELEUZE, 2009; KRAUSS, 2004), isto é, seu uso recorre a efeitos de semelhança para evidenciar situações não condizentes com o cotidiano das realidades apresentadas. Por fim, é importante destacar que esses efeitos não se limitam a uma controvérsia, já que tais fotografias e suas redes encontram-se e se chocam ao longo do tempo, formando uma trama de sentidos e afetos ainda mais complexa, diante da qual múltiplos questionamentos surgem sobre como nossa experiência política e modos de existência são atravessados por imagens.

## Considerações gerais

Neste artigo, abordamos a descontextualização fotográfica como material presente em narrativas de desinformação política sobre universidades federais a partir da controvérsia sobre o contingenciamento de verbas em instituições de ensino superior pelo Ministério da Educação. Como impressão geral, as fotografias fora de contexto não apresentam assertivas sobre os fatos representados nem buscam promover debate. Ao contrário, contribuíram para capturar a atenção frenética nas redes digitais por meio da polêmica e justificar através de arranjos imagético-textuais os bloqueios orçamentários, associando as universidades ao imaginário da “balbúrdia”, expressão utilizada pelo então Ministro da Educação para atacar o

---

<sup>22</sup> Tradução do texto: “Il faut croire pour savoir ce que l’on voit”.

ensino público. Ao passo que ratificavam crenças, valores morais e ideologias ao buscarem implantar uma imagem distorcida das universidades brasileiras, invisibilizavam ações sociais vitais, ligadas ao desenvolvimento científico, à formação de grande parte dos profissionais em nosso país, assim como, ao trabalho extensionista junto a comunidades mais carentes.

No caso do episódio envolvendo a difusão destas imagens em grupos de WhatsApp, algumas características foram recorrentes: em grande parte, as fotografias são antigas e de eventos pontuais nas universidades, porém, tratados como cotidianos. Estas foram deslocadas de cada acontecimento em sua especificidade, cujas complexidades foram soterradas ao passo que novos sentidos emergiram, inclusive pela ligação com imagens que advinham de outros locais. Os conteúdos são elaborados de forma simplória, remetendo a um uso amador e espontâneo das mídias digitais, entretanto, a forma como foram circulados nos grupos de WhatsApp aproxima-se do modo como mensagens são estrategicamente disparadas em redes sociais. Vale frisar que foi a primeira vez que as universidades públicas foram foco desses grupos, contudo pelo viés da dispersão e da desinformação, cujas repercussões contribuíram com o imaginário da desconfiança e da desesperança em relação à formação acadêmica e à pesquisa.

Vimos como a problemática foi ampliada em outras redes, sobretudo no mês de maio de 2019, reforçando por meio das imagens enunciados sobre vadiagem, depravação, vandalismo e ineficiência nas universidades. Também foi possível perceber a profusão de padrões intolerantes dirigidos ao multiculturalismo, às manifestações artísticas e às diferentes formas de expressão política. Um caso expressivo é o da associação de uma suposta degradação universitária ao Partido dos Trabalhadores e à esquerda, o que também foi perceptível nas tentativas de deturpar as motivações dos protestos ocorridos contra os referidos contingenciamentos, como se fossem ações político-partidárias.

As descontextualizações fotográficas aqui desdobradas reúnem elementos contraditórios: sendo fotografias, induzem à crença no senso comum, mas seu funcionamento como *fake* também produz dúvidas e questionamentos, e com eles, a

necessidade de mecanismos para sua certificação, como fazem os sites de checagem ou mesmo, em menor medida, alguns dispositivos das plataformas de redes sociais. É possível concluir que as agências desencadeadas a partir das controvérsias multiplicam a existência de atores e a liberdade de opiniões sobre as universidades públicas brasileiras – o que seriam, quais vivências e experiências estariam a elas associadas ou quais os estereótipos vinculados aos discentes e docentes. Por outro lado, estas distintas nuances quando vinculadas ao imaginário da moralidade, a produzir desinformação e deslocamentos no debate sobre o trabalho efetivamente produzido por estas instituições, parece ter como único objetivo o atentado à imagem pública das IES federais, o que justificaria a redução de investimentos públicos em educação.

Embora não tenha sido foco deste trabalho, é importante mencionar que também ocorreu naquele período uma resposta colaborativa de diversos sujeitos e coletivos que tentaram expor outras visões sobre a experiência acadêmica, a exemplo do tuitaço com a hashtag #oquevinauniversidadepública.<sup>23</sup>

Por fim, é importante nos perguntar sobre o que acontece quando imaginários são acionados por fotografias para consolidar ideias exclusivamente depreciativas e pouco construtivas politicamente. Em uma sociedade hiperestimulada pelo imagético tecnológico, é imprescindível compreender a abstração que envolve os símbolos; e compreendê-los de fato passa pela ação de reagregar o conjunto de vínculos que as imagens redundam. Esta pesquisa buscou contribuir nesse sentido, re-montando uma rede de imagens e com elas, atores-redes que possibilitam a atribuição de sentidos oscilantes sobre instituições tão importantes para o desenvolvimento brasileiro.

## Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

---

<sup>23</sup> Ver: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557244462\\_796491.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557244462_796491.html)

- \_\_\_\_\_. A mensagem fotográfica. In: \_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- BARROS, Ana Taís M. P.. Comunicação e Imaginário: uma heurística. in: CARLI, A. A. De e BARROS, A. T. M. P. (orgs.). **Comunicação e Imaginário no Brasil**. Porto Alegre: Imaginalis, 2019.
- BENTES, Ivana. Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- CARVALHO, Rafiza. Notícias falsas ou propaganda?: Uma análise do estado da arte do conceito *fake news*. In: **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. São Leopoldo. Vol. 7. n. 13, p.21-30, jan-jun/2019.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papiрус, 1993.
- FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. In: **Domínios da Imagem**. Londrina, v. I, n. 1, p. 31-41; nov. 2007.
- FLUSSER, V. **A filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. vol. 16. n. 2. p. 33-45; 2019.
- KRAUSS, Rosalind. Nota sobre a fotografia e o simulacro. In: **O Fotográfico**. Barcelona: Gili. 2004.
- HARARI, Y. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LATOUR, B. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- LATOUR, Bruno. **Changer de société, refaire de la sociologie**. Paris: Éditions La Découverte, 2007.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: uma teoria da fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.
- MONDZAIN, Marie-José; FISEROVA, Michaela. Imagem, Sujeito, Poder. Entrevista com Marie-José Mondzain. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. In: **Outra travessia**. Florianópolis. n. 22. p.175-192; ago. 2016.
- MONDZAIN, Marie-José. **L'image peut-elle tuer ?** Montrouge: Bayard Éditions, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Les images zonards ou la liberté clandestine**. In : CAVALCANTI, Ana Maria et al (org). ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA – Direções e Sentidos da História da Arte. Universidade de Brasília, 2012.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



26

---

TANDOC JR., E.; LIM, Z.W., LING, R.. Defining “*Fake news*”: A Typology of Scholarly Definitions. In: **Digital Journalism**. London. n. 6(2). p. 1-17; ago. 2017.